

capítulos contextualizando su figura antes de que el lector pueda entrar a disfrutar de la riqueza de los artículos publicados por el filósofo de Béjar: «Nicomedes Martín Mateos en la filosofía y la sociedad del XIX», para entrar después con un breve resumen en cada uno de los textos en «Martín Mateos en la *Revista de España*» y servir de aperitivo a la antología que vendrá a continuación sin dejar antes de incorporar una «Invitación a la lectura» de este pensador «católico de carácter aperturista e innovador».

Un primer acierto del trabajo es la puesta a disposición de estos textos, hasta ahora dispersos, y dotar mucha utilidad el volumen. Con «empeño de comprender mejor y difundir». Aunque no es algo nuevo por parte del autor que ya desde el año 1983 se ha ocupado en diversas monografías, artículos, capítulos, publicaciones en prensa en papel y digital, incluso ponencias en los principales foros del pensamiento español, como el Seminario de Historia de la Filosofía Española e Iberoamericana. Previa a esta Antología encontramos otra muy recomendable con textos breves de Nicomedes (1990). Un paso adelante para reconocer su «esfuerzo intelectual imponente, constante y lleno de profundidad», como mostrará en 1861 con su *Curso de Filosofía*, donde expone su doctrina espiritualista.

En segundo lugar, el valor de este trabajo es la metapedagogía, haciendo comprensibles las enseñanzas de un autor denso y complejo. La interpretación de su exposición de los temas más complejos muestra un componente pedagógico presente a lo largo de toda su obra. Educador de su ciudad natal, Béjar y gracias al poder de la imprenta y la difusión de la *Revista de España*, transmitió enseñanzas para España y Europa.

Y es reseñable que se actualice su pensamiento filosófico. Los artículos, de los que hace un resumen en la Introducción, ponen de manifiesto la importancia del pensamiento de Martín Mateos en el

siglo XIX español y la vigencia de algunos temas hoy. Su afán por el conocimiento, su compromiso intelectual y su humanismo decidido por conseguir una sociedad mejor, a través del desarrollo de un pensamiento original filosófico, político y educativo. Se ocupa de temas como religión, utopía y mejora de las sociedades, tolerancia, filosofía política, apología del espiritualismo como filosofía necesaria y el problema razón y fe.

Sin embargo, el autor también encuentra algunos problemas. La densidad de su pensamiento, la necesidad de trabajo de archivo y complicaciones para acceder a su *corpus* completo han hecho que sólo sean algunos los que, como el profesor Hernández Díaz, hayan dedicado trabajos a la figura del pensador bejarano sin la constancia que requiere una obra e impacto del tal magnitud. Por ello, esta tesela es valiosa, pero una más de las que tienen que ir uniéndose en futuras investigaciones.

En definitiva, un nuevo libro que dedica a este pensador cristiano comprometido y abierto que quiso romper con la escolástica siguiendo al espiritualismo cartesiano de Bordas-Demoulin y de su discípulo Huet. Una invitación más a conocer un proyecto de investigación y edición de textos inéditos de largo recorrido. Esperemos las nuevas investigaciones que nos muestren la verdadera importancia de un gran hombre, filósofo y educador que no debemos olvidar.

SANTIAGO ARROYO SERRANO

MOREIRA, Kênia Hilda y HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (orgs.): *História da Educação e livros didáticos*, Campinas, SP, Pontes Editores, 2017, 268 pp.

Este livro foi organizado por Kênia Hilda Moreira, Professora da Universidade

Federal da Grande Dourados, e por José María Hernández Díaz, Professor da Universidade de Salamanca, tendo sido publicado recentemente no Brasil. Trata-se de uma coletânea que contém nove capítulos, oito deles já anteriormente publicados sob a forma de artigos e um original. Seis dos textos são de autores espanhóis, um de autor francês, um de autor português e outro, finalmente, de autores brasileiros. Em todo o caso, houve lugar a tradução para o português dos textos em francês e em espanhol. Com a exceção do artigo inédito, todos os restantes foram previamente publicados na revista *Historia de la Educación: Revista Interuniversitaria*, os primeiros no ano de 1983 e os restantes entre 2000 e 2003/04. Em comum têm o facto de todos se debruçarem sobre manuais escolares ou, para usar a expressão mais comum no Brasil e que surge no próprio título, livros didáticos, que, juntamente com a perspetiva histórica adotada surgem como os elementos aglutinadores desta obra.

Na «Apresentação» (pp. 7-11) os organizadores, para além de resumirem cada um dos textos e de refletirem sobre o papel dos manuais escolares na atualidade, referem ter selecionado textos que abordam os manuais na sua dupla vertente: como fontes da História da Educação e como objetos de estudo. Os anos 80 do século XX constituíram um ponto de viragem para esta linha de pesquisa que se tornou, em alguns momentos, uma das mais dinâmicas do campo da História da Educação. De um olhar inicial que privilegiava os valores e as ideologias subjacentes aos livros didáticos foi-se passando para outras dimensões inerentes a esse objeto como os conteúdos científicos de que eles são veículo (necessariamente diferentes dos saberes que lhes servem de referência), as opções pedagógicas assumidas pelos autores ou para que a sua organização ou o seu uso remetem, as imagens que gradualmente, ao longo do século XX, se

tornam uma componente essencial da mensagem que se pretende veicular ou da didática para que se apela, a materialidade do seu suporte e da sua estrutura, a autoria que podemos encontrar por trás destas obras na aparência quase anónimas (os autores e o exercício do ofício), os modos de produção e de circulação (editoras, seleção, etc.), entre várias outras abordagens. Ao mesmo tempo, o leque de disciplinas estudadas a partir dos manuais usados para o seu ensino foi sendo, igualmente, alargado. É para esta pluridimensionalidade, tanto dos manuais como dos olhares que sobre eles incidem, que nos remete a presente obra que manifesta a preocupação de convocar contributos de natureza diferente, mas também, como já notámos, escritos em diferentes momentos, e que se pretendem relativamente complementares.

O livro está dividido em duas partes. A primeira parte assume um caráter mais acentuadamente teórico e metodológico no que diz respeito à reflexão sobre os manuais como fonte e como objeto da História da Educação e contém quatro contributos. Buenaventura Delgado explora a ideia de que «os livros didáticos podem ser uma magnífica fonte para a História da Educação». Entre outras coisas chama a atenção para a importância das «orientações metodológicas» que «aparecem nos prólogos» (p. 16), para «a distância existente entre a contribuição da ciência e as explicações na sala de aula» (p. 16), para as «contribuições do próprio usuário» (p. 17) ou para «a vertente económica do livro» (p. 21). O autor antecipa neste texto, ainda sem a conceptualização de que serão depois alvo, muitas das abordagens dos anos subsequentes. Alejandro Tiana Ferrer propõe, no segundo texto, um amplo ponto de situação em relação ao percurso do projeto MANES, iniciado em 1992 (e tendo como referência o ano de 2000, data da primeira publicação do artigo). Aborda a influência do projeto EMMANUELLE, apresenta os objetivos

do projeto, as opções organizativas e metodológicas, os resultados já visíveis naquele momento, em particular a base de dados MANES, e a sua projeção internacional. No texto seguinte Kênia Hilda Moreira e Eglem de Oliveira Passone Podrigues apresentam um vasto balanço da produção historiográfica no Brasil sobre o tema dos livros didáticos, produção essa sob a forma de livros e capítulos de livros, dossiers e artigos em revistas e comunicações em alguns dos principais congressos do campo. Nunca é demais realçar a importância deste tipo de exercício para o conhecimento e o avanço da investigação específica. Os autores abordam, entre outros aspetos, as formas de acesso e a seleção do *corpus*, as temáticas presentes nos estudos e os respetivos referenciais teóricos. O último texto da primeira parte tem, como autor, aquele que é, certamente, a maior autoridade nesta matéria - Alain Choppin. Tomando como exemplo o caso de França, o autor percorre um conjunto amplo de temas referentes ao percurso deste campo de pesquisa e às características e papel dos manuais simultaneamente como objeto didático e fonte histórica. A diversidade das pesquisas possibilitadas por este documento não deixa de ser sublinhada: «Os livros didáticos representam uma fonte privilegiada para aqueles historiadores interessados em questões de educação, cultura, mentalidades, linguagem ou ciências..., ou, inclusive, na economia do livro, nas técnicas de impressão ou na semiologia da imagem. De facto, o livro didático é um objeto complexo que desempenha funções múltiplas» (p. 84). O autor destaca, entre outros temas, o contributo desta ferramenta para a educação popular, o papel dos professores na sua seleção e uso, as críticas de que foi alvo a partir da Educação Nova e os desafios que lhe foram sendo colocados pelas transformações técnicas ou comerciais e pelo diálogo com as novas tecnologias da educação.

A segunda parte do livro é dedicada à apresentação concreta de alguns trabalhos que tomam os manuais escolares como fonte ou objeto de estudo e ela nos referiremos de forma mais abreviada. Alejandro Mayordomo traz-nos o exemplo dos manuais de civildade da primeira metade do século XIX; Antonio Molero Pintado trata o caso dos manuais usados num contexto diferente, o da formação de professores, tomando como base o exemplo da disciplina de História da Educação (com esta ou outra designação) e como contexto as primeiras décadas do século XX; José María Hernández Díaz reflete sobre a ambiguidade da imagem de Europa tal como foi representada nos manuais espanhóis do período inicial do regime franquista; Maria Tereza G. Astudillo e Modesto Sierra Vázquez abordam o caso particular do ensino do tópico «análise matemática» nos livros didáticos dessa disciplina usados no ensino secundário espanhol ao longo do século XX. Finalmente, Domingos de Araújo Machado propõe-nos um ensaio sobre a «utopia» nos livros escolares do ensino primário elaborados no âmbito tanto do salazarismo como do franquismo.

Trata-se, em síntese, de uma obra de grande importância para os investigadores de História da Educação e, em particular, para aqueles que se têm dedicado a este campo específico de estudo, cuja maior virtude é a sistematização a que procede de perspetivas e de possibilidades de pesquisa e a maior limitação, se é que a podemos considerar como tal, o facto de se tratar de uma coletânea que reúne textos produzidos em momentos diferentes do percurso da investigação sobre a história dos livros didáticos, para retomar a expressão usada na obra, o que lhe retira alguma unidade. Em todo o caso, recomenda-se vivamente a sua leitura.

JOAQUIM PINTASSILGO